

Um Crítico de Jornal

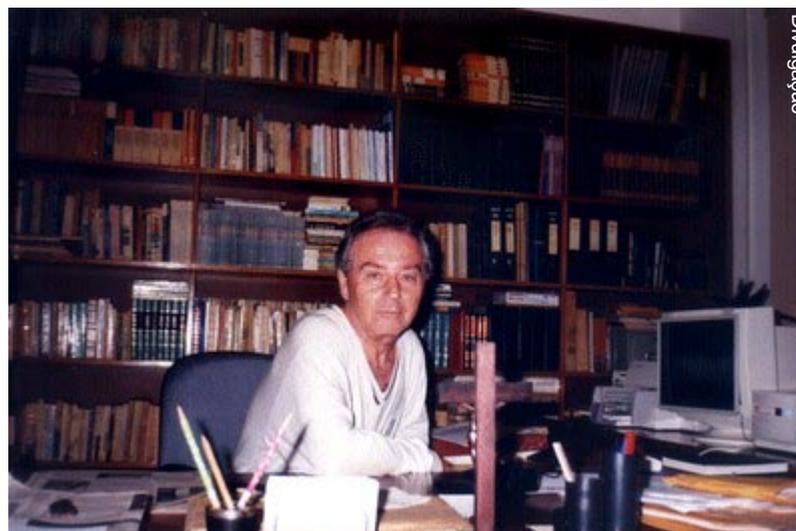
Paulo Monteiro

Acabo de ler dois livros de Nelson Hoffmann: “Uma Outra Face do Poeta” (EDIURI, Santo Ângelo, 2007) e “LEITURA & DIVAGAÇÃO” (EDIURI, Santo Ângelo, 2008). A leitura desses dois volumes do incansável polígrafo roque-gonzalense conduziu-me a refletir sobre o papel do jornalismo literário. Essas reflexões conduziram-me ao “new criticism” ou “nova crítica”, movimento importado mormente dos Estados Unidos da América, e que teve entre nós o São João Batista em Afrânio Coutinho, autor de um clássico sobre o assunto, “Da Crítica e da Nova Crítica” (MEC/CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Brasília/Rio de Janeiro, 2ª edição, 1975).

A crítica literária sempre esteve ligada ao jornalismo, através do famoso rodapé. Todo o livro de Afrânio Coutinho, como salientou Wilson Martins, à época em que a primeira edição foi publicada, é uma “campanha’ jornalística”. Valeu-se do rodapé para combater o rodapé.

Para ilustrar a opinião do autor de “Correntes Cruzadas” transcrevo (Ed. Cit., p. 57) um parágrafo de “Da Crítica e da Nova Crítica”:

“O que o jornalismo moderno comporta, em conformidade com a agitada vida social contemporânea, não são mais os vastos e sólidos rodapés de crítica especializada, porém as notícias ligeiras, o comentário informativo sobre livros aparecidos. O público deseja saber o que vai no mundo dos livros, a natureza deles, o assunto de que tratam, em notas leves, informativas, pois ele, graças à educação democrática, se supõe apto a por si mesmo julgar, depois de lido, o valor do livro. Em muitos casos, ademais, o rodapé de



Nelson Hoffman

crítica desvirtuou-se, fugindo da finalidade que era a apreciação do livro em causa, para tornar-se um indigesto e massudo ensaio “sobre” o assunto do livro, à margem do mesmo, sem entrar no seu exame, ficando o leitor sem nada saber do livro, embora profundamente impressionado com a cultura do crítico. Mas aquilo que ele queria não lhe foi dado, de modo que passou e conseqüência natural, a descrever e a desinteressar-se do rodapé da crítica. Ao redigi-los, aliás, seus autores, na maioria, tinham em mente menos o público, do que os confrades”.

Para ele, a “alta crítica”, em sua definição, à época já estava refugiada no livro. Na verdade, mas na verdade mesmo, o que Afrânio Coutinho queria era acabar com a “crítica de jornal” para assegurar mercado de trabalho aos formados nos cursos de letras que começavam a proliferar pelo país. Daí o sentido de “campanha’ jornalística” assumida por sua pregação.

A crítica de jornal, o rodapé, entre nós, tem uma tradição enraizada. E não se extingue uma tradição por decreto. O modelo dessa tradição também foi transplantado – e da França – há quase dois séculos. Seu caráter bási-

co é o impressionismo – o “indigesto e manuseado ensaio sobre o ‘assunto’ do livro”, de que fala Afrânio Coutinho –. Entretanto, é exatamente isso que da vida à crítica de jornal. É pessoal, uma conversa com o leitor.

O crítico é um encantador de serpentes, um sedutor de leitores. É parte de um triângulo, onde também estão incluídos o autor e o leitor. A obra é o pêndulo usado pelo hipnotizador. É claro que nem todos os leitores caem nessa armadilha. Urge que a obra interesse a quem lê.

Exemplifiquemos.

Em “LEITURA & DIVAGAÇÃO”, páginas 39 a 44, sob o título “Por que não ser feliz?”, Nelson Hoffmann comenta a obra da romancista catarinense Urda Alice Klueger, como ele, de origem alemã. Centra sua análise em “Verde Vale”, primeiro livro da autora.

Começa contando sua curiosidade pela obra de Urda, a forma como descobriu seu endereço, o recebimento dos livros e a leitura. Tudo muito humano. E essa humanização se completa ao aproximar a “ficção” de Urda e a própria biografia do crítico.

Humberto Sonne é um alemão forçado a deixar sua pátria forçado pelas guerras e a misé-

ria. Uma história semelhante a do avô de Nelson, que também foi feliz vale do Ijuí, como Humberto o seria às margens do Itajaí.

Toda a obra crítica de Nelson Hoffman, como a de muitos bons críticos de jornal, é uma história amena, como aquelas velhas conversas ao pé do fogo, antes que o gás de cozinha colocasse o fogão a lenha entre os fósseis da história. E é essa fraqueza, condenada pelos arautos do “new criticism”, em nome de uma pretensa superioridade da crítica acadêmica encastelada em livros e revistas que ninguém lê, o que confere valor ao texto jornalístico.

A campanha promovida pelos “novos críticos” era e é uma orquestração corporativa. Como um bumerangue, seus argumentos, todos, podem voltar-se contra eles próprios. Antes de um bem para a literatura causaram um mal imensurável. Afastaram ainda mais o livro do público. Quanto mais artigos e crônicas sobre autores e livros, mais leitores. Hoje as edições têm praticamente a mesma tiragem de há um século e tanto atrás. Salvam-se os protegidos dos grandes meios de comunicação.

Nelson Hoffmann, há anos, entrincheirado no Jornal Igaçaba, lá nas Missões continua a divulgação de autores e livros que não encontram espaços em livros e revistas acadêmicas, muitas vezes com minúsculas tiragens apenas para justificar recursos obtidos em projetos financiados com recursos públicos. Faz da crítica um trabalho de grande seriedade, um verdadeiro magistério e ministério.

Paulo Monteiro é Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e pertence a diversas entidades do Brasil e do exterior. Caixa Postal 462 – 99001-970 – Passo Fundo – RS.

Editorial

Jorge Medauar Júnior, filho do saudoso poeta, organizou e lançou o livro **Jorge Medauar em prosa e verso**, no dia 17 de abril, no Esporte Clube Sírio, em São Paulo. O lançamento contou com apoio da União Brasileira de Escritores, Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, do *Linguagem Viva* e do site Cronópios.

O evento abrigou depoimentos de amigos do homenageado como Mário Chamie, Salamão Esper e Alberto Dualibe, performance de Rosani Abou Adal, apresentação de vídeo, dança, teatro e musical com a participação de Vidal França e de Aguinaldo Loyo Bechelli.

Jorge Medauar (1918 - 2003), poeta da Geração de 45, jornalista, publicitário, contista, romancista e escritor, é autor de *Morada de Paz*, *Viventes de Água Preta*, *A Procissão de os Porcos*, *O Incêndio* – laureado com o *Prêmio Jabuti* –, *Histórias de Menino*, entre outros livros.

A obra, editada pela Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Itabuna, Bahia, com patrocínio da Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, é uma edição de capa dura, com belíssima apresentação gráfica. A edição especial será entregue em Academias de Letras e bibliotecas públicas do País.

Jorge Medauar em prosa e verso reúne contos, poemas, fotos, cartas, bilhetes, dedicatórias curiosas e declarações de velhos amigos do autor como Jorge Amado, Antonio Houassis, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Antonio Olinto e Raquel de Queirós.

Segundo Jorge Medauar Júnior, “Mais que um lançamento, o livro é uma homenagem a um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, resgate da memória cultural do país”.

Parabenizamos a iniciativa e esperamos que sirva de exemplo a outros familiares para, também, resgatarmos a memória de nossos autores brasileiros.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

O esquecimento

Rodolfo Konder

O que um rio leva para o mar? O Saint Lawrence, por exemplo, arasta para o Atlântico Norte as memórias geladas dos conquistadores, as imagens de índios mutilados, o som áspero das batalhas, as sobras de algumas cidades e o óleo de muitos navios. O Amazonas, com seus afluentes brancos, negros e verdes, carrega um país inteiro de lendas, apreensões, alegrias, gestos de ousadia e momentos de solidão, até sua foz gigantesca, dominada pela ilha de Marajó. As sinuosidades do Tigre e do Eufrates, que já definiram os limites da antiga Babilônia, são os caminhos de conflitos e realizações, avanços e derrotas. Nas águas barrentas do Yang-tsé vão os restos da Revolução Cultural, os discursos de Mão e a nostalgia dos velhos mandarins. O rio Moscou eterniza as cúpulas douradas do Kremlin. A liberdade se banha no Hudson, ao sul de Manhattan. O Nilo pariu o Egito e os seus enigmas. O Sena beija Paris. O Tâmis derrama no oceano as lembranças estilhaçadas de um império perdido. E o Reno, com suas walkírias? E o Rio da Prata, com as canções de Gardel e os poemas de Borges? E o Ganges?

“Que rio é este, por onde corre o Ganges?”, pergunta Borges, no poema Heráclito.

“Que rio é este, de fonte inconcebível? Que rio é este, que arrasta espadas e mitologias? É inútil que durma. Ele corre no sonho, no deserto, num sótão. O rio me arrebatou e sou este rio”.

Há, de fato, um rio que antecede os rios. Ele corre dentro de nós. Somos este rio, sempre em transformação. Nossa vida é a correnteza que nos transporta em busca do destino, ou seja, na realização de algum sonho, até porque, antes do mergulho definitivo, precisamos sonhar. O sonho dá sentido ao nosso rio. Mas nossos sonhos, nossos segredos e nossas memórias também afundarão, um dia. E depois?

Onde de se depositam nossos sonhos, onde descansam? Talvez se abriguem nos escombros de velhos barcos naufragados, quando não se realizam. Talvez simplesmente se deitem no lodo das profundezas, ao lado das emoções mais fortes, das memórias mais nítidas, das lembranças que também desaparecem conosco. No caso dos sonhos plenamente realizados, talvez ganhem as asas de um pássaro e deixem para sempre o oceano da morte, povoado de mistérios e movido por desígnios que jamais conheceremos, mas que prevalecem sobre as leis da física e estão além dos limitados horizontes humanos.

Há outra possibilidade. Talvez Deus seja – como sugere o escritor Gilles Lapouge – o grande oceano do esquecimento, para onde fluem nossas lembranças, nossos sonhos, nossas realizações, as imagens que guardávamos, os odores, os sons, os gostos. Também para lá escorrem tudo o que soubemos e perdemos. Os mistérios dos maias, dos teotihuacanos, de todos os povos que mergulharam em suas águas turvas, das cidades soterradas, dos centros abandonados, de Sodoma e Gomorra, da Mesopotâmia, do Egito dos faraós e da Esfinge; e os nossos princípios morais, a nossa ética, as amizades, os amores, a devoção dos cães, os conhecimentos dos vencidos, os livros queimados, religiões que há muito deixaram de consolar, dúvidas jamais esclarecidas – tudo isso segue nas corredeiras do nosso rio, na direção do desconhecimento que se mistura com a memória, da morte que se confunde com a vida. Deus, afinal, talvez seja mais nossa inexistência e nossa ignorância do que nossos pálidos feitos e nossa enlouquecida aventura.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor e representante da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Comunicamos que a Caixa Postal 10.036 - São Paulo - SP - 03014-970 foi cancelada.

As correspondências deverão ser enviadas para Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000.

Poética de Newman Simões em novo livro

**João Baptista de Souza
Negreiros Athayde**

A arte literária e, mais especificamente, a arte poética recebem, com a edição de “illogicamente”, do professor Newman Ribeiro Simões, o impacto da profundidade. É isto. Profundidade é-me a única palavra capaz de explicar a intensidade poética que transpira dos versos espalhados nos poemas que compõem esse verdadeiro celeiro de preciosidades linguísticas, semânticas, filosóficas e, de modo gratificante, literárias.

Digo *versos espalhados* porque não poderia dizê-los *contidos* nos poemas. É que, aqui, o verso e a estrofe são meros instrumentos que o poeta Newman utiliza como fios condutores de um pensamento maior, imensurável e, sobretudo, infenso a quaisquer limites. Por isso que sempre extrapolando do significado intrínseco de cada palavra, para projetar-se nos longes da imaginação, do sentimento e das emoções humanas.

Dir-se-á que Newman traz em si o magma do inconsciente coletivo, e é capaz de fazê-lo transbordar, não só quando busca a pergunta que explicaria a origem vetusta das coisas e do Universo, mas também quando ele próprio, viajante nas águas dessa inquietação tão humana e arquetípica, procura entender e condensar o tempo, talvez para fazê-lo companheiro da jornada interminável à cata de respostas.

O que transcende dos poemas de Newman é justamente essa inquietude, expressa em duas dimensões: numa delas, a busca propriamente dita, permeada de questionamentos e de proposições; na outra, como que consciente da impossibilidade de respostas simples ou palatáveis, a alma do poeta queda-se ao exercício de compreender a realidade como ela é, extraíndo dessa crueza uma indisfarçável doçura com que parece abrandar o ácido de suas próprias interrogações.

E é com doçura e com uma arte distanciada de quaisquer paradigmas que o poeta Newman maneja as palavras, percebendo-lhes a cor, o perfume e a alma de cada uma delas; descobre-lhes o



âmago; arquiteta-lhes o arcabouço do verso onde vão pontificar; dá-lhes um tom, um véu e o encanto das metáforas e alegorias, até que a magia da estrofe projete-se na tela do poema, não como estrofe, mas como fonte de luz.

E, com isso, leva-nos transportados, imperceptivelmente, ao mais profundo de seu próprio pensamento, até percebermos que o universo de cada um de nós é feito daquelas mesmas interrogações, angústias e impotências que afligem o poeta, mas também dos mesmos sonhos instigantes que lhe vivificam a alma.

Daí o Belo, que exsuda generosamente da poesia de Newman; daí a poesia, na sua expressão maior, porejando das linhas e entrelinhas de cada um de seus poemas. Daí a arte literária e a arte poética verem-se enriquecidas com as primícias da obra de um poeta de verdade que, baldadamente, *illogicamente*, insiste em afirmar que não o é.

ILOGIC@MENTE. Poemas

de Newman Ribeiro Simões

Prefácio: Jorge de Albuquerque Vieira
107p.; 21 cm; R\$ 30,00

ISBN 978-85-60677-08-5

Piracicaba: Jacinta Editores, 2010.

**João Baptista de Souza
Negreiros Athayde** é advogado
e presidente do Centro Literário
de Piracicaba- CLIP.

O TREM DE MINAS

Fábio Lucas

O Trem mineiro não vem do *train* inglês. Procede de *teres*, como está na expressão “*teres e haveres*”. Ou desta: “*Lá vem o mineiro com seus trens*”. Na viagem semântica pelos labirintos das Alterosas, chegamos à expressão: “*Ô trem bão!*”, como se dissesse: “*Ô coisa boa!*”

Com grande alegria recebi uma coleção do jornal *O Trem*, pelo qual transita a voz livre de Itabira. Cultura mineira efervescente, cujo combustível mais ativo é a indignação moral. Nossa vocação municipalista se faz presente, a ecoar insubmissa de quebrada em quebrada.

Acabo de ter um período de realimentação do espírito de Minas, ao reler textos cruciais da nova historiografia das Alterosas. Poe exemplo: Amílcar Vianna Martins Filho em *O Segredo de Minas - A origem do estilo mineiro de fazer política* (1889-1930) deixa bem claro o poder auto-suficiente da produção local, municipalista, não contabilizada no modelo das Contas Nacionais, cuja renda *per capita* levava em consideração apenas o setor exportador. Deste modo, Amílcar Vianna Martins Filho surpreende “o gigante invisível” que dava às municipalistas mineiras papel autônomo na Economia e na Política, engendrando uma elite oligárquica conservadora, repressiva e excludente. Promove uma revisão da política do “café-com-leite” da primeira República.

Não me canso de perflustrar o estudo de Yonne de Souza Grossi, *Mina de Morro Velho - A Extração do Homem* (Rio: Paz e Terra, 1981), cujo subtítulo reza: Uma História de Experiência Operária. É que, como assinala a Apresentação da obra, a Saint John d’El Rey Mining Company, pela envergadura do empreendimento, foi um marco histórico, inserindo-se na etapa imperialista do capitalismo internacional.

Outra obra, mais recente, empolgou-me: *Caso Oblíquo* de Beatriz de Almeida Magalhães (Belo Horizonte: Autêntica, 2009) em que a artista, arquiteta e escritora romanceia o nascimento de Belo Horizonte, com as suas agruras, poeiras enervantes, chuvas torrenciais, insalubridades, diferentes e obstinados operadores do projeto positivista. A vinda e adaptação dos estrangeiros, a dura organização da memória de BH, com destaque para Abílio Barreto, enfaticamente ressaltado por Eduardo Frieiro, de ordinário

cético e cauteloso. O texto de Beatriz Magalhães é um prodígio de experimentação linguística e de recolha de vocábulos e expressões da época. O tom proustiano acresce à narrativa o ardor das emoções, sem descurar dos movimentos da duração interior associados ao rigor da documentação histórica. Arquivos técnicos, demográficos, jurídicos, jornalísticos, geográficos e literários são revolidos para a montagem de um quadro vivo da experiência humana. E a imaginação criadora, cintilante, acompanha os pormenores de cenas dramáticas.

Beatriz Magalhães explora os paradoxos (exemplo: a Senhora dos Navegantes vira padroeira da Cidade entre montanhas...), as ênfases na guarda e preservação dos objetos e testemunhos da criação da primeira grande cidade republicana, a fé na Ciência, a guerra entre católicos e luteranos, a destruição impiedosa das edificações de Curral Del Rey. Nostálgica poesia perpassa pelos capítulos. E a autora não deixa de criar o seu *suspense*, a partir da manchete de um jornal no dia da inauguração do Museu Histórico de Belo Horizonte: *Nada se perderá de agora em diante da história de Belo Horizonte Lembra o Novo Diário* de Eduardo Frieiro, a 7 de maio de 1945, referindo-se à única peça que evocava a destruída Curral Del Rey: a maquete, em forma de coração, carinhosamente preservada por Abílio Barreto. Sofrera, aquela indescritível memória, sofrera segunda destruição. É Minas, são os guardiães de suas glórias, seus burocratas e oligarcas. Tudo isso não diz do que ocorre e tem ocorrido com Itabira, de que tanto fala *O Trem*?

Vejo nomes tão queridos a colaborar no jornal cem por cento itabirano, como, por exemplo, o Renato Sampaio, que foi meu aluno. Quem me introduziu, em primeiro lugar, na atmosfera de Itabira foi Drummond; em segundo lugar, meu dileto amigo Emílio Moura, de Dores do Indaiá, que escrevia ao melhor e mais íntimo companheiro itabirano (sou guardião de algumas cartas de Drummond para Emílio Moura); em terceiro lugar, lembro o Adonis Martins Moreira, meu compadre, que se casara com uma itabirana e escrevera, naquela época, um soneto em homenagem à cidade.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.



MOÇA COM CHAPÉU DE PALHA

Ely Vieitez Lisboa

O título acima é o do romance de Menalton Braff (Editora Língua Geral Livros, Coleção ponta de lança, Rio de Janeiro, 2009). A edição é esteticamente diferente, original, com cores fortes e folhas negras, que permeiam o livro. Menalton Braff, gaúcho paulista, autor, entre outros, de "À sombra do cipreste (1999, prêmio Jabuti de Literatura, em 2000, na categoria Livro do Ano, Ficção), "A coleira no pescoço" (contos, 2006) e "A muralha de Adriano", romance, 2007. Contista, novelista e romancista, MB é um dos autores mais importantes da literatura brasileira contemporânea. Sua obra tem características ímpares, com um estilo diferente e uma linguagem esmerada.

De há muito e hoje, mais do que nunca, na literatura há dois tipos bem definidos de escritores: primeiro, os que se preocupam apenas com o conteúdo, em criar uma trama atraente. Em geral, usam uma linguagem simples, mais pobre e prendem os leitores pelo encadeamento de episódios, que quase sempre terminam em um clímax. É o caso dos best-sellers, sucessos comerciais, autores com alta vendagem, livros que dão excelentes roteiros de filmes.

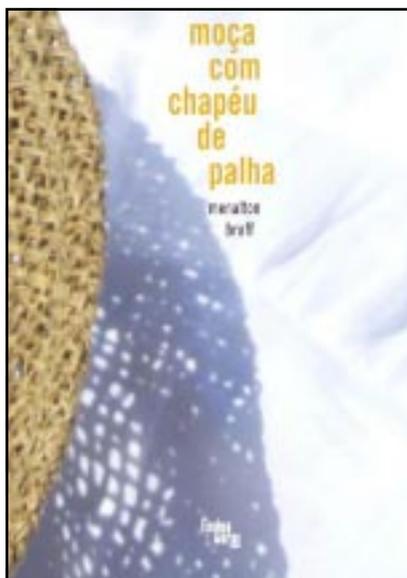
O segundo grupo é mais exigente, produz uma literatura de melhor qualidade, atenta ao conteúdo, mas também à forma, autores que têm um estilo próprio e usam uma linguagem rica. São os estilistas. Dentre eles, poderíamos citar Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Osman Lins. Suas obras são atemporais, de uma grande riqueza linguística e propiciam quase sempre péssimas adaptações para o cinema, que é outra linguagem que prioriza apenas a trama. Menalton Braff pertence ao grupo seletor dos estilistas.

O romance "Moça com chapéu de palha" apresenta técnicas literá-

as ousadas. Destaca-se o emprego da metalinguagem, de modo original. Durante toda a obra, o narrador orienta o leitor de como ela é feita, o que é ficção, quais são os limites tênues entre o autor e suas personagens. Ele parte de uma tese que um romance é bom quando a ficção é alicerçada na realidade. Assim, a história de Bruno Vieira é, em essência, a do autor, sua cosmovisão, maneira de ser, de ver o mundo, sua filosofia de vida. Poder-se-ia afirmar que Bruno Vieira é o narrador, plasmado no autor. Por isso, a personagem central masculina atrai e convence. Bruno é feito de carne, nervos, fraquezas e grandezas, como um ser humano real.

Evidentemente, a ficção é a realidade recriada, literária, artística. Para isto, o autor se vale de uma linguagem pertinente, que ele usa com maestria. O vocabulário é rico, com descrições microscópicas perfeitas, plenas de luz e de cor. Usa sobremaneira a sinestesia. Do livro todo evolva uma sinfonia de sensações, tato, cheiro, sons, paladares, minúcias. Tudo contribui para textos cheios de erotismo, de um sensualismo finíssimo.

Comprovando a tese do autor, o romance traz temas atraentes, como a diferença entre jornalismo e literatura. Ora, o livro é uma proposta de Angélica, a personagem feminina central. Assim, uma interessante técnica é usada: nos capítulos numerados com páginas é a trama de Bruno/Angélica. Como um fiel da balança, que harmoniza a ficção B, estão as personagens Bruno/Angélica. Na pretensa realidade, Bruno/Angélica, que também são ficção. Percebe-se,



no final, que a narrativa A e B são similares, assim como as personagens.

Impossível analisar, pela rama, obra tão complexa. A narrativa toda é influenciada pelo Impressionismo, pintura europeia do século XIX. Há inúmeras cenas cheias de sol, claras, com tonalidades que os objetos adquirem ao reflexo da luz solar, sem contornos nítidos,

com figuras luminosas e coloridas, ao ar livre, sob a luz natural, como uma galeria de quadros de Claude Monet e de Renoir.

O que se realça no romance é, sem dúvida, a personagem Angélica/Ângela. Poder-se-ia em um arrojo, dizer que o autor é um Pigmalião que esculpiu sua Galateia, perfeita e sábia. Ele lhe deu vida. Angélica é plena de beleza, forte, inteligente, segura, fiel, corajosa, companheira. Se ela apresenta, em essência, algo de Capitu, pois parece mais mulher do que Bruno é homem, ao contrário da famosa personagem de Machado, seu caráter é positivo, cheio de dignidade. Angélica é uma Capitu às avessas.

Abordar minúcias do romance "Moça com chapéu de palha" é impossível. Como não falar da riqueza lingüística, o uso abusivo da próclise, enfatizando a liberdade da língua e a oralidade, ou mencionar as filigranas gramaticais, com direito a aulas de estilística? É um tesouro literário valioso, que requer análise mais profunda.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

UNGIDA

Raquel Naveira

Vem,
Unge-me com santos óleos:
O corpo,
Os cabelos,
A pele,
O plexo solar.

Vem,
Unge-me
Com óleo bento:
A mente,
O espírito
Sedento
De azeite quente.

Vem,
Unge-me,
De cada poro
Transpiro
Gotas de luz
Toda pura
E poderosa.

Raquel Naveira é escritora, poeta, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo.

Picasso

Maria de Lourdes Alba

Picasso
Pica o pontilhado
Pirralho
Acaso
Soprano
Enigmático
Simpático
Picasso

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta e jornalista.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .

O Profissional e as Verdades da Vida

Caio Porfírio Carneiro

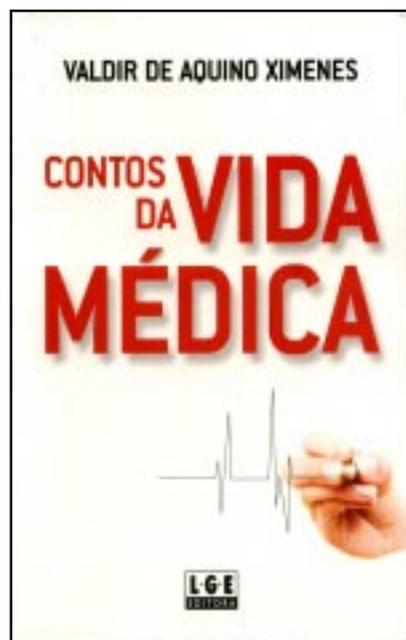
Estes contos, centrados na área da medicina, fogem da dualidade narrativo-descritivo, desenvolvam-se ou não na primeira ou terceira pessoa. É que o narrativo predomina. O descritivo exsurge elipticamente, quase em segundo plano, em liames fugidios.

Vê-se, então, que Valdir de Aquino Ximenes é, fundamentalmente, um contador de histórias, sem fugir da arte literária e sem desbordar, longinquamente sequer, para a crônica, a reportagem, a reminiscência... Os contos, todos eles, guardam e resguardam uma pulsação marcante e vívida.

Textos muito bem escritos e, ao mesmo tempo, com aquela leveza de trato que, enganosamente, parece caminhar para um escorregadio plano linear, primeiro passo para a mesmice e a redundância. Aqui, inversamente, a ficção flui num plano estético onde fulge o talento criador do autor, que tudo diz e expõe sem sair dos meios tons.

Escritor vivamente impressionista, retrata, como num filme em preto e branco, passagens, situações, acontecimentos e a vida vivida no exercício da medicina, em amostragens variadas, numa visão poliédrica que palpita e surpreende, quanta vez sufoca e leva à perplexidade. É o exercício do profissional de medicina, suas ações, inquietações, e, quantas vezes, comportamentos inusitados, nascidos de íntimas reflexões. Tudo entra nesse universo, do exercício da profissão à vida social, do comportamento familiar aos impulsos eróticos, por vezes tão nítidos e doídos que o estreito universo de alguns personagens parecem mergulhar num sarcófago inapelável. E por mais que certas situações e comportamentos na profissão pareçam nódoas surpreendentes, o autor nunca foge da leveza narrativa e meios tons referidos, que arrebatam muito mais e aprofundam o veio psicológico.

Todos os trabalhos são de ótima qualidade. Citar aqui os melhores seria, como sempre afirmamos para obras assim, precária eleição pessoal, eis que todos os textos aqui reunidos, do corte com o bisturi aos voleios eróticos, das cenas hospitalares à penosa caminhada profissional, dos antigos métodos de tratamento às volúpias escorregadias e desnorteadas, têm o seu ápice nas reflexões escatológicas pulsantes e múltiplas,



ou seja: na luz de popa distante que arrasta todos para os silenciosos dramas da existência humana.

Não aflora aqui o pessimismo. O que aflora, de todos os contos, é a unção ou desagregação vida-morte, e o profissional, dentro desta dualidade, pulsa numa caminhada que vai da felicidade ao sofrimento. E há, ainda, uma linha psicológica a um tempo sutil e espicaçante, e tão clara: a *Vida* é isto. O médico cuida dela, mas está inapelavelmente inserido nela e disto não escapa. Tão humano, forte e frágil como os que dele se valem.

As exacerbações eróticas e o desespero narcotizante são metáforas de uma realidade maior, humana e social, que incorpora o verso de Fernando Pessoa, inserido oportunamente pelo autor no conto final do livro: "O homem é um cadáver adiado".

O final de cada história permanece filosoficamente em aberto, ou seja: a história se conclui, mas a vida continua, na linha checoviana do conto moderno.

Os contos mais voltados para a angústia e voleios eróticos são tão densos que pedem análise mais longa. Diga-se, apenas, que eles, insertos entre os demais como estão, levam qualquer bom leitor a por a mão na consciência e ver que, para além do profissional da medicina, cada ser humano é um mistério cósmico, inalcançável e passageiro.

É ler o livro e comprovar.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

CORREIA JÚNIOR

Paulo Bomfim

Correia Júnior, o boníssimo Fábio" de "A Gazeta", escrevia em sua mesa de trabalho, quando notou parado, diante dele, um homem fardado que segurava grosso caderno.

– Estou aqui para saber sua opinião sobre meus poemas. Deixo os originais com o senhor e voltarei para buscá-los.

O capitão cumprimenta cerimoniosamente e sai. Correia pega o caderno e vai jogar no bicho como fazia todos os dias. Quirino da Silva disse que ele apostava até em carrocinha de padeiro!

À noite, em sua casa, lembra-se que esquecera os originais em algum lugar. Não dorme bem. De manhã vai ao chalé onde fizera a fezinha e nada. Procura no restaurante, no táxi que tomara, na redação, tudo em vão. O militar continuou de patente em patente, atrás do jornalista. Quando entrava por uma porta, ele saía pela outra.

Um dia, Correia Júnior soube que na Antártica havia vaga de redator. Vai até a Avenida Presidente Wilson, e se faz anunciar. O moço da portaria, indicado para acompanhá-lo, avisa:

– O senhor vai ter que falar com o Dr. Pupo. Ele é um homem muito bravo!

O poeta, timidamente, sobraçando a pasta e segurando o chapéu amassado, bate à porta. Uma voz seca manda entrar.

Pupo, em sua escrivania, não pára de escrever. O recém-chegado se apresenta:

– Eu sou o Correia Júnior, de "A Gazeta", e soube que a Antártica está precisando de redator.

O sisudo entrevistador responde:

– O lugar é seu.

Correia, surpreso, exclama:

– Mas o senhor não me conhece!

Teófilo Pupo Nogueira tira os óculos e sorri.

– Você se lembra de um menino que ia entregar telegramas na redação de "A Gazeta"? Tinha fome, e você sempre pagava um lanche para ele? Esse menino era eu!

Levanta-se, abraça o autor de "Dona de meu Silêncio" e diz:

– Seja bem-vindo à Antártica!

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1 – Assinale a alternativa correta:

a – Aquele juiz não tem censo.

b – Vou serrar a janela, pois está frio.

c – Vamos cozer o vestido?

d – Vou deferir os projetos errados.

e – O rapaz delatou os ladrões.

R.: e

a – O correto é senso = juízo.

Censo é recenseamento.

b – Certo é cerrar = fechar. Serrar é cortar.

c – Certo é coser que é costurar.

Cozer é cozinhar.

d – Deferir é conceder, portanto o

correto é diferir que é adiar.

2 – Os adjetivos:

ígneo, plúmbeo e viperino referem-se respectivamente a:

a – Vespa, inseto e chumbo.

b – Chumbo, cobra e inseto.

c – Fogo, chumbo e vespa.

d – Fogo, Chumbo e cobra.

e – Cobra, fogo e chumbo.

R.: d

3 – Qual destas palavras está errada?

Irriquieto, caranguejo, privilégio e empecilho.

R.: Irrequieto seria o correto.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Um livro definitivo sobre Mazzaropi

Angelo Mendes Corrêa

A coleção Aplauso, da Imprensa Oficial de S. Paulo, acaba de lançar o livro "Mazzaropi uma antologia de risos", de autoria de Paulo Duarte, alentado trabalho sobre um dos artistas mais populares do país durante pelo menos quatro décadas.

Nesta entrevista à "Verbo 21" Paulo Duarte, que é diretor, roteirista e produtor de cinema e televisão, revela algumas curiosas facetas do controvertido artista.

1. De onde o interesse pela vida e obra de Mazzaropi?

Eu costumo dizer que fui o cara, certo na hora e nos lugares certos, pois além do interesse normal pela história do Mazzaropi, tive o privilégio de ter contato com as pessoas que detinham os direitos sobre seus filmes e fui o centralizador do interesse destas pessoas sobre a exploração das obras dele de maneira que posso dizer que aproveitei isso a favor da preservação da obra do artista. No início desta década, eu fui contratado para realizar a negociação (produção executiva) e a direção do projeto para o lançamento em DVD dos filmes do Mazzaropi. Na ocasião não tínhamos nenhuma foto do Mazza e nem havíamos mapeado os verdadeiros detentores de seus filmes, uma vez que havia muitos que se diziam donos de filme e não tinham direitos nenhum, da mesma maneira que algumas pessoas se dizem filhos do Mazzaropi e ele não possui nenhum filho legítimo, e seus protegidos já haviam sumido. Desta maneira após muito tempo chegamos ao detentores e a negociação foi muito complicada porque muitas pessoas tinham papéis que provavam a detenção dos filmes mas não tinham os filmes, o que nos levou ao próximo estágio que era o de encontrar as melhores matrizes possíveis para realizar uma masterização, já que seria inviável o restauro de 3 dezenas de filmes. Nesta epopéia, tive o prazer de conhecer pessoas muito importantes para a preservação da memória do Mazzaropi como Claudio Marques, Arthur e o Neto do Instituto Mazzaropi que tem um trabalho muito bonito e honestíssimo em Taubaté, também alguns pesquisadores sérios como a Profa. Olga Rodrigues na época na UNITAU e muitas pessoas que haviam trabalhado com o Mazzaropi. neste árduo caminho e das mais diversas e inimagináveis fontes e acervos, encontrei um material fotográfico maravilhoso, que após alguns anos deu origem ao livro que lanço agora.

2. Pode nos traçar, em rápidas pinceladas, um esboço da trajetória artística de Mazzaropi?

Ainda criança, Mazzaropi começou observando seu avô tocar viola em público e ficou fascinado a respeito do poder que uma pessoa pode ter em cima de um palco. Dali não demorou muito para que ensaiasse às escondidas e depois com o consentimento dos próprios pais e começou sua carreira nos chamados Pavilhões que eram teatros precários que percorriam todo o interior de São Paulo. Mazza passou pelo circo, foi parar no Teatro profissional, de lá chegou ao rádio onde fez o programa Rancho Alegre, programa que depois teve sua versão na TV, aliás, no dia da estréia da televisão foi o primeiro cômico a se apresentar, portanto é o patrono dos cômicos da TV. De lá, chegou ao cinema pela Vera Cruz, a maior companhia de cinema da época, e após 4 filmes foi

convidado pela Cinedistri a realizar mais quatro no Rio de Janeiro. Após observar atentamente as filas que os seus filmes faziam e o peso de seu nome para a bilheteria, ele não chega a fazer o quarto filme, pelo contrário, ele resolve, vender tudo o que tinha e com o dinheiro faz o filme "Chofer de Praça", o filme foi um sucesso estrondoso e nascia ali, a PAM Filmes, Produções Amácio Mazzaropi, onde faria 24 filmes, todos enormes sucessos e dominaria as bilheterias por 3 décadas até sua morte em 13 de junho de 1981.

3. Que paralelo é possível fazer entre o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e o caipira construído por Mazzaropi?

O Jeca de Lobato era mais "bicho do mato", sem instrução, doente, meio burrinho, chegou inclusive a ser considerado como uma manifestação de preconceito do autor por parte da crítica na época. O de Mazzaropi era um caipira em fase de transição para os tempos modernos, não em conflito mas em adaptação a um novo mundo e as transformações da sociedade o que além do superficial, abria uma discussão para assuntos polêmicos como divórcio (A banda das velhas Virgens), preconceito racial (Jeca e Seu Filho Preto), sionismo religioso (O Jeca Macumbeiro) entre outros assuntos.

4. Quais as maiores influências recebidas por Mazzaropi?

Mazzaropi era fã de Genésio e Sebastião Arruda, pioneiros na formação popular da figura artística do caipira. Essa é a base para o caipira que ele criaria. O teatro ítalo brasileiro, na mistura da comédia e do dramalhão foi outro fator essencial na formação da dramaturgia mazzaropiana. No cinema, ele não era fã declarado de ninguém, mas observava tudo o que acontecia e em muitas ocasiões aproveitava certos fenômenos de bilheteria para realizar suas próprias comédias, como foi o caso de "Jeca Contra o Capeta", abertamente influenciado pelo sucesso do filme "O Exorcista", este é um exemplo, mas não é um caso isolado, ele tinha o faro para o que o público gostava de ver. Mas ao contrário do que se imagina, ele era fã incondicional do teatro paulista, Gianfrancesco Guarnieri, não perdia os shows de Elis Regina e além da MPB, era fã de rock e música clássica. Aliás, talvez a única frustração de Mazzaropi era não ser um instrumentista muito bom, ele arranhava alguns instrumentos de sopro e cordas.

5. Como explicar o desdém da crítica em relação a Mazzaropi?

Em um país que até hoje se esmera em criar uma utópica indústria do cinema e não consegue, Mazzaropi foi o único que conseguiu criar isso na prática. Ele fazia com que um filme bancasse a produção do outro, ou seja, tinha um modelo de negócio sustentável, não dependia do governo, era amado pelo povo e me parece normal que fosse desprezado tanto pela crítica que não conseguia enxergar além das camadas superficiais em seus filmes e por uma parte dos cineastas brasileiros que não conseguiam falar a língua do povo como ele. Existe sim, uma separação do cinema como indústria de entretenimento (o que no Brasil fora casos raríssimos e únicos como o de Mazzaropi, não existe) e de cinema como arte e estudo de linguagem, o que na maioria das vezes pelos simbolismos e excesso de signos não penetra na massa. Diante disso e some-se a isso o ego enorme da classe artística e fica fácil de entender porque ele era amado pelo público e desprezado pela crítica.

6. Ao criar a PAM Filmes, Mazzaropi mostrou que era possível fazer cinema em nosso país sem subsídios governamentais, batendo de frente com as constantes reivindicações de nossos cineastas mais influentes sobre a falta de apoio estatal para suas produções. Como o empresário Amázio Mazzaropi obteve tal êxito?

Mazzaropi era um midas, tudo o que tocava virava ouro e antes do cinema foi assim no teatro, no circo, na rádio e na tv.

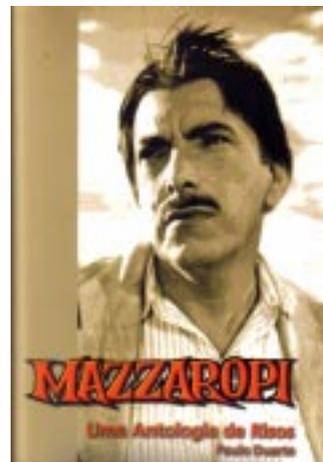
Quando chegou ao cinema, seus primeiros filmes foram um aprendizado pra ele, mas logo em seguida ele dominou o ofício também e basta dizer que ele começou como funcionário da Vera Cruz, a Vera Cruz fechou e tudo o que a Vera Cruz sonhava em adequar do ponto de vista "industrial" Mazzaropi, que seguiu em frente, foi quem conseguiu. Aliás, uma parte enorme de equipamentos, máquinas e pessoal foi contratado pelo próprio Mazzaropi. Já a questão de o cinema ser bancado pelo governo é um tema delicado, mas que sempre levará ao entendimento de que o cinema nacional não se sustenta por si, e enquanto depender de investimentos do governo, será sempre mais arte do que negócio. basta ver que um percentual mínimo de filmes produzidos hoje conseguem sequer empatar o custo com a bilheteria. Mazzaropi colocava fiscais nas portas dos cinemas para não ser enganado, Mazzaropi negociava o filme novo, se o exibidor garantisse que passaria ainda o filme anterior, vendia o colorido mais caro que o preto e branco, fazia pré-estréias sempre na mesma época do ano, não se expunha na tv, as pessoas para vê-lo tinham que ir ao cinema, escolhia os temas em voga nas conversas populares em cada ano, falava a língua do povo e o povo se via refletido na tela. O artista e o homem de negócios caminhavam juntos.

7. Ao afirmar que "a Vera Cruz foi minha escola... para o bem e para o mal" o que terá pretendido dizer Mazzaropi?

Há uma história em que um grupo de investidores estrangeiros em visita à Vera Cruz não se interessaram por nenhuma produção, quando viram trechos de filmes do Mazzaropi, resolveram optar por investir em um filme dele. Isso exemplifica de uma maneira interessante de que a Vera Cruz tinha as melhores e maiores intenções artísticas, mas não sabiam nada do negócio de distribuição. Tanto que além de Mazzaropi, o maior êxito de bilheteria da Vera Cruz foi o filme "O Cangaceiro" de Lima Barreto, que para fazer o filme teve que lutar contra toda a diretoria da Vera Cruz para conseguir apoio, pois achavam o filme "brasileiro demais", "popular demais". Foi observando este tipo de coisa que Mazzaropi, com seu tino comercial extremamente aguçado, aprendeu principalmente com os erros fatais da Vera Cruz e aplicou esse "expertise" da melhor forma possível na sua própria produtora, a PAM FILMES.

8. O que terá levado um intelectual da estatura de Paulo Emílio Salles Gomes a afirmar, em relação a Mazzaropi, que "o melhor de seus filmes é simplesmente ele próprio"?

Porque creio que pela simples ida ao cinema e observando a reação do público, podia ficar claro que não importava o nome do



filme, o tema do filme, a cor do filme, enfim, as pessoas queria ver "o filme do Mazzaropi". O nome dele virou uma grife do cinema nacional, e ele soube como ninguém explorar isso. Tanto, que depois que morreu, o nicho do cinema rural, o cinema dos Jecas, não teve mais continuidade. Ele era único e não teve seguidores. Ele era o melhor de seus filmes mesmo. E como alguns atores não cansavam de dizer, eram todos coadjuvantes do Mazzaropi.

9. Considera acertado dizer que até hoje ainda há resistência nos meios acadêmicos em

compreender a figura do nosso caipira, daí o fato de muitos ainda torcerem o nariz quando se fala em Mazzaropi?

Sim, acho que isso acontece no meio acadêmico, no meio artístico-cinematográfico e se tivesse que resumir em uma única palavra eu diria: Bu...rrice. Porque o grau de amplitude e profundidade da penetração da obra de Mazzaropi junto ao grande público como um dos elementos formadores de nossa cultura, de nosso folclore e de nossas manifestações populares é imensurável. Isso não pode simplesmente ser subestimado. Deve ser estudado, pensado, debatido, entendido. E aos meus colegas de profissão o que eu posso dizer é que alguns podem não sentir simpatia pelo personagem "Jeca" ou pela precariedade ou limitação de linguagem de seus filmes, mas ainda assim, Mazzaropi deve ser respeitado, reverenciado e analisado como o maior homem de cinema que o Brasil já teve. Um cara que ficou bilionário fazendo cinema no Brasil. O único que conseguiu isso. Por que conseguiu? O que ele fazia? Como administrava o negócio audiovisual que tinha, enfim, se o Brasil sonha em um dia ter uma indústria de cinema, não pode ignorar a história deste homem.

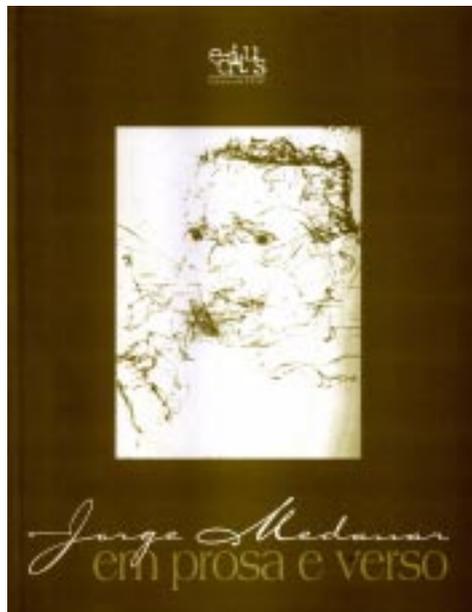
10. Qual terá sido o maior legado de Mazzaropi para o cinema nacional?

Dei o nome de "Antologia de Risos" ao meu livro, porque acredito que o legado que Mazzaropi deixou com seus filmes, é o legado da alegria. O riso, a satisfação popular. Recentemente assisti ao filme "This is It" sobre os ensaios da última tour de Michael Jackson e em certo momento ele diz a seus músicos "- O público quer fuga! Quer uma experiência de escapismo. Vamos dar a eles o que eles querem!". Aí eu pergunto: Por que será que Michael Jackson foi o artista mais popular de sua época? Maior vendedor de discos de seu tempo? Porque me parece que os grandes artistas, aqueles que chegam até o inconsciente coletivo de sua geração, são exatamente aqueles que tem a noção bem clara do que o grande público quer, o que o grande público precisa e com sua marca imprimem em sua arte formas de suprir esta necessidade, esta ansiedade da platéia. E isso explica o porque de serem tão bem sucedidos. E mesmo após a morte de artistas assim, suas obras permanecem e causam o mesmo efeito, o mesmo impacto e a mesma satisfação. Que possamos aprender com eles e agradecer pelo legado que nos deixam e que transcendem sua própria obra e o seu próprio tempo. E nada melhor que o tempo para nos ensinar o valor que as coisas realmente tem.

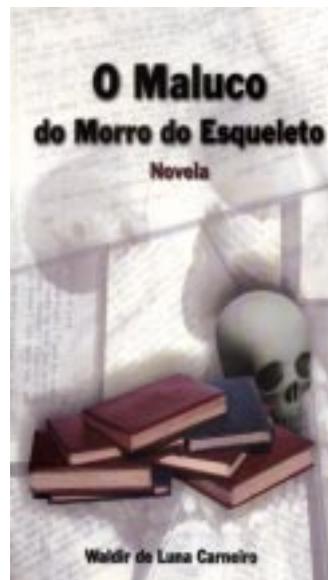
Angelo Mendes Correa é professor universitário e mestre em Literatura Brasileira pela USP (Universidade de São Paulo).

Lançamentos & Livros

Jorge Medauar em prosa e verso, de Jorge Medauar, Editus - Editora da UESC - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, com apoio da Universidade de Santa Cruz, do Governo do Estado da Bahia e da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, com patrocínio da Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, 180 páginas, Bahia. O livro, um passeio literário pela vida e obra do escritor de Água Preta, reúne poemas, contos, fotos, documentos, bilhetes, dedicatórias, cartas de escritores e declarações de velhos amigos do autor como Jorge Amado, Antonio Houassis, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Antonio Olinto e Raquel de Queirós. A obra foi organizada e produzida por Jorge Medauar Júnior. O Projeto Gráfico é de Pathyia Design e Editora. Jorge Medauar, escritor, publicitário e jornalista é autor de *Morada de Paz*, *Viventes de Água Preta*, *A Procissão de os Porcos*, *O Incêndio – Prêmio Jabuti* na década de 60 – , *Histórias de Menino*, entre outros livros.



Editus: www.uesc.br/editora - **Jorge Medauar Júnior:** JMedauar@totalondemand.com.br



O Maluco do Morro do Esqueleto, novela de Waldir de Luna Carneiro, 134 páginas, Grupo Editorial Scortecci, São Paulo. O autor, escritor, contista, cronista e dramaturgo, foi laureado com a Medalha da Inconfidência, pelo Governo do Estado de Minas Gerais. A obra foi laureada pelo *Concurso Nacional de Literatura Juvenil João de Barro*, Júri Adulto, da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte e foi finalista na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Segundo Claude Williamson, a obra é uma história que transcorre em tempo futuro, quando as doenças já foram eliminadas, os casamentos indissolúveis, conquistando outros planetas.

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

ÊXTASE

Alice Spíndola

mesmo que seja imprescindível chorar
guardarei comigo a marca do sorriso
registrada no sonho
para que o choro seja inaudível

mesmo que seja inaudível o riso
guardarei comigo o timbre do choro
na internet da memória
para que a tristeza seja invisível

mesmo que seja inevitável ouvir
guardarei comigo o silêncio das horas
retendo no imenso de mim
porta-jóia de intensa saudade

mesmo que seja inesquecível o teu amor
farei de conta que nada existe
mas cá dentro guardarei
palavras gestos carinhos e desejos

no êxtase da palavra lembrada
flutuo nas ondas do som
dimensão mística me transcende
ouço o inaudível apesar de tudo

..... e além de mim

[Do livro: *50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR*, Galo Branco Editora –RJ]

Alice Spíndola é poeta, escritora e ficcionista.

Encontre-se com a Poesia
14, 15 e 16 de maio de 2010

IV
FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE POESIA

REALIZAÇÃO:



"Poesia, linguagem da alma" DOIS CÓRREGOS - SP

Presenças confirmadas:

Carlos Nejar
Academia Brasileira de Letras
Gabriel O Pensador
Vilma Vargas Poetisa da Costa Rica
Raúl Henao Poeta colombiano
Raquel Naveira
Jorge Tufic
Frederico Barbosa
e outros.

INFORMAÇÕES:

www.usinadesonhos.org.br
coordenacao@usinadesonhos.org.br
contato@usinadesonhos.org.br

Fones.: (14) 3652-5091 / 3652-1061

PATROCÍNIO:



Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura-Programa de Ação Cultural-2009



Rodolfo Konder

Rodolfo Konder foi nomeado Conselheiro Titular do Conselho Municipal de Educação, no dia 8 de abril, conforme a Portaria 131, assinada pelo Prefeito Gilberto Kassab. Indicado pelo professor João Gualberto Meneses, Presidente do Conselho, ao atual Secretário de Educação, Alexandre Schneider, terá um novo mandato de seis anos. O escritor, jornalista, colaborador do jornal *Linguagem Viva*, Diretor da ABI em São Paulo e Conselheiro da UBE, Rodolfo Konder, também faz parte do Conselho Municipal de Educação, desde 2005, indicado pelo Ex-Secretário Municipal de Educação, Dr. José Aristodemo Pinotti.

Ricardo Filho lança *O Gato que cantava de galo*, pela Editora Globo, no dia 24 de abril, na Livraria da Vila do Shopping Cidade Jardim, Av Magalhães de Castro, 12.000, no Butantã, em São Paulo.

A Nova Diretoria da UBE, para o biênio março 2010/março 2012, fará sua posse festiva no dia 30 de abril, sexta-feira, às 19 horas, no Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, Rua Rego Freitas, 530 – sobreloja, em São Paulo. Joaquim Maria Botelho é o Presidente; Renata Pallottini, 1ª Vice-Presidente, e Audálio Dantas, 2º Vice-Presidente.

POESIA AO VENTO, promovido pelo GOLP e CLIP, que aconteceu no dia 16 de abril, no SESC Piracicaba, prestou homenagem a Manoel Bandeira.

Edições Loyola lançou o livro *Nossa Senhora do Café – História e devoção no Brasil*, de Ana Negrini, em homenagem a essa Nossa Senhora,

na Expocatólica.

RUMOS LITERATURA 2010-2011 do Itaú Cultural, programa que conta com o apoio da Anpoll - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e em Linguística, está com inscrições abertas, até dia 31 de julho, para as categorias Produção Literária e Crítica Literária. Informações: www.itaucultural.org.br rumosliteratura@itaucultural.org.br.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em comemoração aos 130 anos da vinda dos libaneses no Brasil, outorga a Medalha D. Pedro II ao Presidente da República Federativa do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, e ao Presidente da República do Líbano, General Michel Suleiman, no dia 23 de abril, às 18 horas, na Assembléia Legislativa de São Paulo.

A Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados aprovou o *Projeto de Lei no. 4.555/2008*, do deputado Marcelo Almeida, que institui concursos regionais, em todo território nacional, para descobrir novos autores e escritores. O projeto seguirá para análise da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com trâmite conclusivo nas comissões da Câmara dos Deputados.

O Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2010, com 408 livros inscritos, elegerá os 50 primeiros finalistas em abril.

Nelson Valente prepara uma minissérie de 12 capítulos para TV e um filme sobre o ex-presidente Jânio Quadros, orçado em R\$ 13 milhões.

Nélida Piñon, com o livro *Coração andarilho* – traduzido na Espanha como *Corazón andariego*, foi agraciada com *VI Prêmio Internacional Terenci Moix de Literatura, Cinematografia e Artes Cênicas* na categoria ficção.

Cleonice Berardinelli tomou posse, no dia 5 de abril, para ocupar a cadeira nº 8 da Academia Brasileira de Letras, que pertenceu a Antonio Olinto, e foi saudada pelo acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.

A Cadeira nº 29, da Academia Brasileira de Letras, que pertenceu a José Mindlin, poderá ser disputada por Martinho da Vila, Eros Grau, Muniz Sodré, Geraldo Holanda Cavalcanti, José Paulo Ferreira, Assis Brasil, Ziraldo e Nelson Valente. As eleições estão previstas para o dia 2 de junho.

O II Congresso de Jornalismo Cultural acontecerá de 3 a 6 de maio, no Teatro Tuca, Rua Monte Alegre,

1024, em São Paulo.

José Ramos Tinhorão lançou os livros *A música popular que surge na era da revolução* e *Crítica cheia de graça*, no Instituto Moreira Sales do Rio de Janeiro.

Raquel Naveira gravou uma entrevista para a TV Mackenzie, com o Reverendo Carlos Henrique, para o programa *Conceitos em Foco*, sobre o conteúdo de seu livro *Literatura e Drogas e outros ensaios*.

Jorge Medauar em Prosa e Verso, livro lançado em homenagem ao escritor de Água Preta, no Clube Sírio, em São Paulo, no dia 17 de abril, contou com os depoimentos de Mário Chamie, Alberto Dualib, a performance de Rosani Abou Adal e apresentação músico de Vidal França e do escritor Aguinaldo Loyo Bechelli, entre outros convidados.

O Sarau Literário Piracicabano, promovido por Ana Marly de Oliveira Jacobino, acontecerá no dia 18 de Maio, no Teatro Municipal Dr. Losso Netto, na sala 2, R. Gomes Carneiro, 136 - Piracicaba.

O Prêmio OFF FLIP de Literatura está com inscrições abertas até o dia 31 de maio para as categorias conto e poesia. <http://www.premio-offflip.net/>.

Associação Brasileira de Direito Autoral do Jornalista – Apijor mantém um departamento jurídico e um espaço de prestação de serviços. www.portaldautor.org.br

A Coleção Roteiro da Poesia Brasileira, dirigida por Edla Van Steen, Global Editora, tem 15 volumes. *Anos 70*, organizado por Afonso Henriques Neto, foi resenhado por Manoel Hygino dos Santos no *Hoje em Dia* - www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/colunas-aratigos-e-blogs/diarios/manoel-hygino-dos-santos-1.174

A Feira do Estudante - EXPO CIEE 2010 acontecerá nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2010, no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, das 10 às 20 horas.

www.feiradoestudante.ciee.com.br

Álvaro Alves de Faria publicou *Este gosto de Sal – Mar Português*, pela Editora Temas Originais, de Coimbra, Portugal.

O Prêmio APCA 2009, promovido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, agraciou na categoria de literatura *Rei do Cheiro*, de João Silvério Trevisan, Romance; *Lições de Kafka*, de Modesto Carone, Ensaio/Crítica; *Pivetim*, de Décio Teobaldo, Infante-Juvenil; *Entre Milênios*, de Haroldo de Campos, Poesia; *Cine Privê*, de Antonio Carlos Viana, Contos/Crônicas/Reportagens; *Cabeza de Vaca*, de Paulo Markun, Biografia/Auto-biografia; e *Poemas estalactites*, de Augusto Stramm, traduzido por Augusto de Campos, Tradução.

A EdUFSCar, em parceria com o SESC São Carlos, realiza a 7ª Feira do Livro da UFSCar nos dias 11 e 13 de maio, no Campus São Carlos. Informações: www.editora.ufscar - Tel.: (16) 3351-8962.

Andreia Aparecida Silva Donadon Leal foi agraciada com o *Troféu Cecília Meireles - Mulheres Notáveis 2010*, pela Prefeitura Municipal de Itabira - MG. A premiação foi destinada às mulheres que se destacaram no cenário mineiro e brasileiro na cultura, nas letras, nas artes e no empresariado.

Retratos da Leitura, livro coordenado pelo jornalista Galeno Amorim, editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em parceria com o Instituto Pró-Livro, está disponível para download gratuito no site www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura.

O XLI Concurso Nacional de Contos e Poesias Abdala Mameri, organizado e coordenado pela Academia de Letras e Artes de Araguari, está com inscrições abertas até o dia 25 de julho. Informações com a Presidente Gessy Carísio de Paula, pelo telefone (34) 3241-3814. 1ª secretária, Risaco Akegawa da Costa: Tel.: (34) 3241-3416.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br